

Um olhar alemão sobre o Brasil

“Alemães no Amazonas – Pesquisa ou Aventura”

TEXT: MARIA CRISTINA ELIAS

Generalmente, quando se fala em grandes expedições realizadas à América do Sul, surge de imediato a idéia de colonizadores ibéricos. Entretanto, não se pode ignorar que o continente foi também objeto de interesse de demais povos europeus, tivessem esses o intuito de pirataria, aventura ou pesquisa. Os alemães, embora tenham permanecido à parte dos movimentos de colonização, também mantiveram contato com estas novas comunidades. Pesquisadores, ou aventureiros, como o filólogo, geógrafo e historiador Theodor Koch-Grünberg – que fez quatro excursões à região amazônica, tendo morrido de malária na última delas, realizada em 1924 – e o etnólogo, filólogo e jurista Wilhelm Kissenberth – que durante uma expedição a São Luís do Maranhão, tendo cortado contato com a civilização européia durante um ano e meio, adquiriu um conjunto de 1.164 objetos etnográficos dos índios Kayapó, Karajá e Canela – são dois

exemplos do olhar “encantado” que os europeus, especialmente os alemães, dirigiram a este misterioso e novo mundo.

A exposição “Alemães no Amazonas – Pesquisadores ou Aventureiros?”, que fica até novembro no Museu de Antropologia da Fundação Cultural Prussiana de Berlim e depois segue para o Brasil, trata justamente deste olhar alemão sobre uma sociedade cuja organização em tudo diferia dos parâmetros até então conhecidos. Essa mostra traz pela primeira vez ao alcance do público o maior acervo de objetos etnográficos brasileiros existente fora do país.

Coletados por pesquisadores alemães durante expedições realizadas à América Latina durante o século XIX e início do XX e distribuídos por 1500 m² do museu de Berlim, uma parte dos 15 mil objetos que o museu possui somente do Brasil compõem a mostra promovida pelo Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha (ICBRA), sediado em Berlim, com apoio do Ministério da Cultura do

Brasil e da Alemanha. Esta iniciativa constitui uma oportunidade ímpar para o “redescobrimento” do Brasil, desta vez sob uma perspectiva estrangeira. Além disso, relevando-se que atualmente o aspecto local das diversas nações se torna cada mais caro à comunidade global, esse evento adquire peso expressivo na compreensão e interpretação de particularidades das comunidades indígenas que habitavam o continente antes da chegada dos europeus e também da forte influência cultural das populações africanas “contrabandeadas” para o Brasil durante a escravidão.

Nomes como Theodor Koch-Grünberg, Karl von den Steinen e Wilhelm Kissenberth, alguns dos mais importantes pesquisadores do final do séc. XIX e início do XX, contribuíram para a formação de parte substancial da mostra, que traz, além de aquarelas, desenhos, cadernos de campo, mapas, imagens em terceira dimensão, bem como filmagens e gravações sonoras realizadas pelos pesquisadores-aventureiros, diversos objetos indígenas e afro-brasileiros e fotografias históricas inéditas retratando populações e algumas cidades e regiões do Brasil como o sertão, São Luís do Maranhão e o Rio de Janeiro por volta de 1905.

Dentre os objetos etnográficos expostos, não se pode deixar de chamar a atenção para aqueles provenientes dos Mundurucú, tribo que habitava as margens do rio Tapajós e uma das que manteve mais intenso intercâmbio com povos europeus. Temendo a violência dos colonizadores, os Mundurucú organizaram um exército de defesa, que não apenas conquistou uma relação pacífica com os portugueses, como acabou por se unir aos mesmos para combater outras tribos. De grande relevância histórica, artefatos como os “Cetros de penas” foram coletados pelo pesquisador Johann Centurius von Hoffmannsegg entre 1800 e 1801, enquanto o Brasil ainda estava sob o domínio político de Portugal e as viagens à colônia eram raras e de difícil concretização. – Além dos objetos Mundurucú, marcam pre-



sença em “Alemães no Amazonas – Pesquisadores ou Aventureiros?” adornos de penas dos índios Makuxi (adquiridos por Koch-Grünberg em 1912), Karajá (por Kissenberth em 1890) e Bororos (por von den Steinen em 1889), um enfeite para dança dos índios Tukano e Tuyuca do Rio Tiquié, uma coleção de artefatos afro-brasileiros de 1860, que demonstra a influência africana com seus orixás e cultos característicos do Candomblé na formação da religiosidade do brasileiro, uma pele de onça utilizada originalmente pelos Bororo para a realização de ritos funerários e que, hoje, tem papel importante na pesquisa histórica desses últimos, uma coleção de máscaras dos Mehinaku e dos Káua, habitantes do rio Aiary, adquiridas por Von den Steinen em 1889 e por Koch-Grünberg em 1905, respectivamente, e um conjunto de obras dos índios Kadiwéu (adquiridos em 1883 pelo pesquisador e colecionador Richard Rohde, durante expedição pelo Rio Paraguai até Corumbá),

criação artística no Brasil e no avanço da pesquisa antropológica. O material gravado no Brasil figura entre um dos primeiros a serem trazidos a Berlim – que, devido a um projeto de seus musicólogos que pretendiam traçar uma „História Musical da Humanidade“, acabou por se tornar o maior centro de documentação musical do mundo. Dos 30 mil cilindros de cera (contendo dois minutos e meio de gravações cada) pertencentes ao arquivo fonográfico do museu de Berlim, cerca de 200 foram registrados no Brasil, principalmente por Theodor Koch-Grünberg. Este foi o responsável pela gravação das canções do índios Makuxi (da região de Roraima), dentre as quais se encontra o mito de “Macunaima”, publicado pelo pesquisador em alemão e depois adaptado e transformado por Mário de Andrade em obra seminal da literatura brasileira. Cabe ressaltar que o escritor modernista, por meio da leitura do primeiro relato de viagem de Koch-Grünberg, foi um dos poucos brasilei-

“Alemães no Amazonas – Pesquisa ou Aventura”

Ethnologisches Museum Berlin (Lahnstr. 8, 14195 Berlin, tel. 49 30 830-1438)
De 18 de abril a 30 de novembro de 2002

Promoção: Museu de Antropologia de Berlim e Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha (ICBRA)

Apoio: Ministério da Cultura e Embaixada Brasileira na Alemanha

Coordenadoria geral: Dr. Richard Haas

(Depto das Américas do Museu de Antropologia de Berlim) e Tiago de Oliveira Pinto (ICBRA)

Coordenação científica e catálogo: Anita Hermannstädter

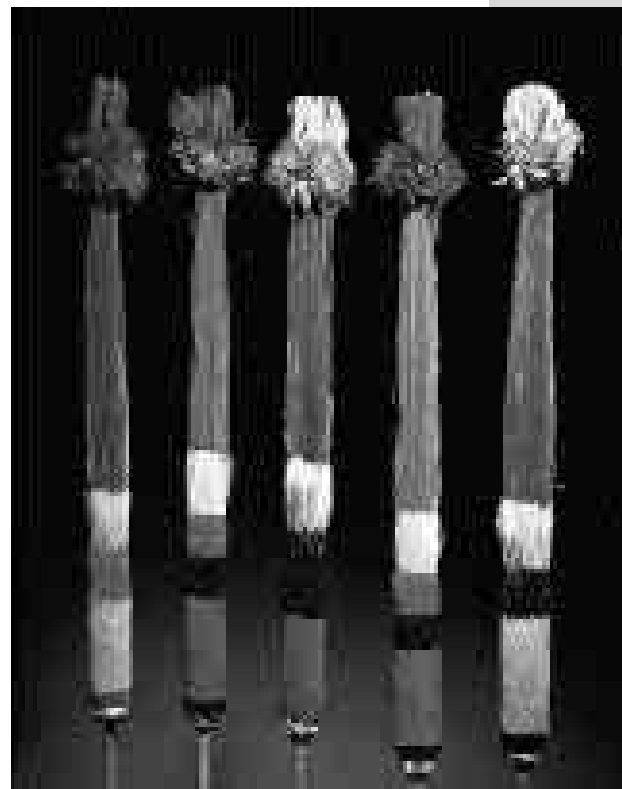
Organização de eventos paralelos: Maria Helena Paranhos (ICBRA) e Claudia Augustat (Museu de Antropologia de Berlim)

Design da exposição: Wolfgang Stärke

cuja elaboração do trabalho grafado sobre os objetos em muito contribuiu para as pesquisas no campo da história e desenvolvimento da arte gráfica deste povo indígena.

Sobre o material fonográfico presente na mostra (que posteriormente será reunido em um CD e distribuído juntamente com um ensaio sobre a pesquisa do som realizado por Tiago de Oliveira Pinto, um dos coordenadores da mostra) é importante destacar seu papel no posterior desenvolvimento da

ros a tomarem conhecimento deste material, tendo posteriormente solicitado cópias ao museu de Berlim. Além disso, segundo Tiago de Oliveira Pinto, essas gravações realizadas no Brasil foram essenciais para o estabelecimento da etnomusicologia como ciência, já que o estudo comparativo dessas canções com as de comunidades de outras regiões fundamentaram a elaboração de uma “História Universal da Música” e a elaboração da teoria de uma base comum dos povos indígenas, que teriam



migrado da Ásia para a América Latina pelo Estreito de Bering.

Tendo passado por duas guerras mundiais e cerca de 45 anos sob a guarda da União Soviética, o acervo de objetos brasileiros do Museu de Berlim, somente foi reincorporado pela Alemanha por ocasião da reunificação. Por isso, permaneceu no anonimato até a abertura desta exposição, que, praticamente um século depois das grandes expedições à América Latina, ratifica o profundo interesse do povo alemão por culturas diversas, desta vez com tom inovador. Até então, todas as iniciativas nesta área da antropologia na Alemanha estavam voltadas à documentação do material trazido pelos pesquisadores. Não havia esforço no sentido de interpretar este material. Em “Alemães no Amazonas – Pesquisadores ou Aventureiros?” esse ímpeto interpretativo ganha força. Não se trata apenas de catalogar e quantificar as obras expostas e sim de compreendê-las e localizá-las em um quadro global. A exposição, que contou com a colaboração e participação ativa de diversos brasileiros (sem os quais o projeto não teria se concretizado), inclusive representantes de comunidades indígenas, marca também a iniciativa dos representantes da cultura brasileira em tomar o comando da divulgação e interpretação de seu próprio substrato socio-cultural. ■